

doi 10.46943/X.CONEDU.2024.GT15.011

FORMAÇÃO DE LEITORES BRASILEIROS A PARTIR DA LITERATURA AFRICANA: UMA PERSPECTIVA DIALÓGICA DA LINGUAGEM¹

Tatiani Daiana de Novaes²
Jane Cristina Beltramini Berto³

RESUMO

A questão de pesquisa que se propõe é “Como formar leitores brasileiros de Literatura Africana a partir de uma perspectiva dialógica da linguagem?” Esta pesquisa tem como objetivo geral propor encaminhamentos didático-pedagógicos de leitura de poemas negro-brasileiros, poemas africanos escritos em Língua Portuguesa e um conto Afrofuturista nas aulas de Língua Portuguesa/Literatura no Ensino Médio, considerando a importância da formação da consciência crítica, antirracista e na desconstrução de estereótipos. Tais considerações têm como ancoragem as reflexões teóricas e metodológicas do Círculo de Bakhtin, Geraldi (1984, 1991, 1996), além de estudos sobre relações étnico-raciais na literatura. A pesquisa se justifica pela necessidade de promover uma educação inclusiva, em conformidade com as Leis 10.639/03 e 11.645/08, que tornam obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas brasileiras. Espera-se que os resultados contribuam para a formação de cidadãos críticos e menos eurocentrados, capazes de atuar de forma significativa na sociedade.

Palavras-chave: Literatura Africana, Perspectiva dialógica, Consciência crítica.

- 1 O trabalho faz parte do projeto de pesquisa da primeira autora, pelo IFRN, sem financiamento.
- 2 Pós- Doutora pela (USP) e pela (UPN, Colômbia), doutora pela (UFRN) em Linguística Aplicada. Professora do IFRN, campus Natal Centro Histórico. tatiani.novaes@ifrn.edu.br.
- 3 Pós- Doutoranda (UNICENTRO- PPGLL/ CNPq-Fundação Araucária) e doutora em Letras (UEM). Professora da UFRPE, unidade acadêmica de Serra Talhada. janebeltramini @gmail.com.

INTRODUÇÃO

Pesquisadores têm discutido sobre a importância da educação literária nas elaborações subjetivas e na formação da consciência crítica dos estudantes. A prática leitora de gêneros literários proporciona reflexões no campo psicológico, cultural e político.

Embora exista há muito tempo a Lei 10.639/03, alterada pela Lei 11.645/08, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana em todas as escolas públicas e privadas, ainda se percebe que a prática não é tão comum no “chão da sala de aula” de Língua Portuguesa/Literatura das escolas. Entre as principais dúvidas dos professores estão: quais textos da Literatura Africana de Língua Portuguesa podemos trabalhar? Como realizar esse trabalho? Como articular a prática leitora desses textos com os textos literários de Literatura Negro-Brasileira?

A Lei 11.645/08 tem como objetivo romper com os parâmetros eurocentrados de ensino que estão presentes nos livros didáticos e na seleção de temas escolares há muitos anos. A lei visa reforçar uma educação baseada nas relações étnico-raciais, a fim de se construir uma educação menos excludente e mais antirracista.

A justificativa deste estudo se pauta na urgência de implementação plena dessas Leis, que, apesar de regulamentadas há mais de uma década, ainda enfrentam desafios em sua aplicação efetiva. A importância deste trabalho reside, portanto, na promoção de uma prática leitora que dialogue diretamente com as diretrizes dessas legislações, contribuindo para o desenvolvimento de uma educação inclusiva e consciente das relações étnico-raciais no Brasil. Ao abordar a literatura africana em sala de aula, espera-se não apenas desconstruir estereótipos, mas também fomentar o protagonismo negro e a valorização da ancestralidade africana como parte integrante da formação cultural dos estudantes.

Acredita-se que o estudo da literatura, a africana de Língua Portuguesa mais especificamente, pode ajudar na quebra de estereótipos e na formação de um imaginário plural e diverso.

Diante desse embate, a questão de pesquisa que se propõe é: **Como formar leitores brasileiros de Literatura Africana a partir de uma perspectiva dialógica da linguagem?**

A partir desta questão, elegeu-se como objetivo principal deste artigo: criar um encaminhamento teórico-metodológicos para a abordagem dialógica, reflexiva e antirracista de poemas negro-brasileiros, poemas africanos escritos em Língua Portuguesa e um conto Afrofuturista, por meio de atividades de leitura, uma vez que “[...] introduzir o aluno na língua viva e criativa do povo exige, é claro, uma grande quantidade e diversidade de formas e métodos de trabalho.” (BAKHTIN, 2013[1942/1945], p. 43).

Diante dessa questão, o presente artigo adota uma metodologia qualitativa, baseada nas concepções teóricas e metodológicas do Círculo de Bakhtin e em encaminhamentos didático-pedagógicos aplicáveis às aulas de Língua Portuguesa no Ensino Médio. A pesquisa se estrutura na sugestão de encaminhamento teórico-metodológicos, com o intuito de propor atividades de leitura dialógicas que fomentem a reflexão crítica e o reconhecimento de vozes marginalizadas. Os encaminhamentos didático-pedagógicos incluem a exploração do diálogo entre literatura africana, negra-brasileira e afrofuturista, com destaque para a desconstrução de estereótipos e a formação de uma consciência crítica antirracista nos estudantes.

O referencial teórico que sustenta este trabalho está ancorado nas reflexões do Círculo de Bakhtin sobre a dialogicidade e o papel da linguagem na construção de sentidos sociais. A partir das contribuições de Bakhtin (2013 [1942/1945]), considera-se que ler deve ser uma prática ativa e interativa, em que o sujeito participa da construção do conhecimento por meio de múltiplas vozes e perspectivas. Além disso, as abordagens de Geraldi (1984, 1991, 1996, 2013) sobre o ensino de língua materna como prática social e dialógica são fundamentais para o desenvolvimento do encaminhamentos didático-pedagógicos deste estudo. Os poemas negro-brasileiros, poemas africanos escritos em Língua Portuguesa e o conto Afrofuturista serão discutidos como potentes recursos para romper com os discursos eurocêntricos, ao passo que promovem um encontro intercultural e uma educação antirracista.

A prática leitora nas aulas de Língua portuguesa do ensino médio no Brasil tem como foco o uso social da linguagem, de modo a contribuir para que o estudante seja capaz de alcançar e participar das interações sociais que o rodeia, uma vez que:

[...] o trabalho linguístico é contínuo, realizado por diferentes sujeitos, em diferentes momentos históricos, em diferentes forma-

ções sociais, dentro das quais diferentes sistemas de referência se cruzam (e se dialogam) [...]” (GERALDI, 2013 [1991], p. 14).

Segundo Geraldi (2015), para agir no mundo, os estudantes precisam refletir sobre a linguagem e seus usos. Defende-se que a literatura Africana de Língua Portuguesa é uma possibilidade que os estudantes têm de trilhar um caminho que os levem a agir sobre a linguagem.

Esta pesquisa se insere no campo da Linguística Aplicada, uma vez que ao longo dos anos ela vem refletindo sobre o ensino e a aprendizagem de língua materna e demarcando um campo de atuação ético, identitário, mestiço, transgressivo e interdisciplinar (LOPES, 2006).

METODOLOGIA

Ao adotar uma perspectiva dialógica da linguagem, a pesquisa busca não apenas fornecer subsídios teóricos e metodológicos para a prática de leitura de Literatura Africana, mas também promove uma reflexão sobre a linguagem e seus usos, de modo a possibilitar que os estudantes participem ativamente das interações sociais.

A metodologia está baseada na concepção dialógica da linguagem, do Círculo de Bakhtin. Assim, criou-se uma orientação teórico-metodológica para uma abordagem prática e reflexiva da linguagem.

Tal encaminhamento pode servir de reflexões norte para que outros professores de Língua Portuguesa, a partir das suas realidades, criem a sua proposta pedagógica enunciativa discursiva.

As orientações teórico-metodológica para uma abordagem prática e reflexiva da linguagem apontam caminhos para um trabalho pedagógico com de poemas negro-brasileiros, poemas africanos escritos em Língua Portuguesa e um conto Afrofuturista, uma vez que, segundo Bakhtin (2015, p. 280), “[...] a utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana”.

A comunicação verbal se dá na situação viva da língua em uso, então, para a análise de enunciados concretos foi usado como orientação o método sociológico ou “a ordem metodológica para o estudo da língua” que leva em consideração:

1. As formas e os tipos de interação verbal em ligação com as condições concretas em que se realiza.
2. As formas das distintas enunciações, dos atos de fala isolados, em ligação estreita com a interação de que constituem os elementos, isto é, as categorias de atos de fala na vida e na criação ideológica que se presta a uma determinação pela interação verbal.
3. A partir daí, exame das formas da língua na sua interpretação linguística habitual. (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2014, p. 124).

No itinerário analítico proposto por Bakhtin, não há categorias pré-definidas nem modelos de análise, é o próprio analista quem constrói o caminho da pesquisa a partir do diálogo com o objeto escolhido, o que existe é uma arquitetônica⁴ das formas de compreender o enfrentamento dialógico, que se constituem de movimentos teóricos e metodológicos.

Sob a orientação sociológica do Círculo, direcionamo-nos a esmiuçar campos semânticos, descrever e analisar micro e macro-organizações sintáticas, reconhecer, recuperar e interpretar marcas e articulações enunciativas que caracterizam o(s) discurso(s) e indicam sua heterogeneidade constitutiva, assim como a dos sujeitos aí instalados. E mais ainda: ultrapassando a necessária análise dessa “materialidade linguística”, reconhecer o gênero a que pertencem os textos e os gêneros que nele se articulam, descobrir a tradição das atividades em que esses discursos se inserem e, a partir desse diálogo com o objeto de análise, chegar ao inusitado de sua forma de ser discursivamente, à sua maneira de participar ativamente de esferas de produção, circulação e recepção, encontrando sua identidade nas relações dialógicas estabelecidas com outros discursos, com outros sujeitos. Não há categorias a priori aplicáveis de forma mecânica a textos e discursos, com a finalidade de compreender formas de produção de sentido num dado discurso, numa dada obra, num dado texto [...]. As diferentes formas de conceber o “enfrentamento dialógico da linguagem” constituem, por sua vez, movimentos teóricos e metodológicos que se desenvolvem em diferentes direções. (BRAIT, 2006, p.13).

4 Para Bakhtin, formas arquitetônicas: [...] são as formas dos valores morais e físicos do homem estético, as formas da natureza enquanto seu ambiente, as formas do acontecimento no seu aspecto de vida particular, social, histórica, etc.; todas elas são aquisições, realizações, não servem a nada, mas se auto satisfazem tranquilamente; são as formas da existência estética na sua singularidade. [...] A forma arquitetônica determina a escolha da forma composicional (BAKHTIN, 1998, p. 25).

As reflexões teóricas e metodológicas acerca dos poemas negro-brasileiros, poemas africanos escritos em Língua Portuguesa e do conto Afrofuturista levarão em conta as questões axiológicas e valorativas uma vez que elas são fundamentais nas reflexões de base bakhtiniana.

1. Não separar a ideologia da realidade material do signo (colocando-a no campo da “consciência” ou em qualquer outra esfera fugida e indefinível).
2. Não dissociar o signo das formas concretas da comunicação social (entendendo-se que o signo faz parte de um sistema de comunicação social organizada e que não tem existência fora do sistema, a não ser como objeto físico).
3. Não dissociar a comunicação e suas formas de sua base material (infra-estrutura) (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2014, p. 45).

Assim, a abordagem dialógica do Círculo de Bakhtin proporciona um caminho metodológico flexível, adequado para investigar a produção e circulação de sentidos nos textos literários trabalhados. A análise dos enunciados concretos, dentro das esferas de comunicação social, possibilita que os estudantes se engajem criticamente com os discursos presentes nos poemas negro-brasileiros, poemas africanos escritos em Língua Portuguesa e no conto Afrofuturista, reconhecendo suas relações axiológicas e valorativas.

Ao colocar os a literatura antirracista como objeto de reflexão, esta metodologia fomenta uma educação inclusiva, capaz de desconstruir estereótipos e valorizar a pluralidade de vozes, atendendo, assim, às demandas legais e pedagógicas da educação brasileira contemporânea.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção, apresentamos orientações teórico-metodológicas para uma abordagem prática e reflexiva da linguagem, fundamentadas em uma visão dialógica do ensino. Entendemos que a linguagem se constitui nas relações sociais e, como tal, deve ser tratada como um campo vivo, dinâmico, repleto de vozes, ideologias e contextos. Essas orientações buscam não apenas proporcionar atividades pedagógicas, mas também criar um espaço para que a voz dos estudantes ressoe em suas interações discursivas, levando em consideração suas realidades específicas e as diversas esferas comunicativas com as quais interagem.

As atividades propostas são planejadas para cinco encontros, mas, coerentes com o princípio da dialogicidade, elas não devem ser encaradas como um cronograma rígido. O fluxo do diálogo em sala de aula, as respostas dos estudantes e as interações são parte do processo, e é nesse movimento que o professor, como mediador, poderá ajustar e adaptar as atividades conforme a necessidade. Assim, cada encontro prevê duas horas aula de 45 minutos, respeitando a organização do tempo escolar da nossa instituição, mas com flexibilidade para a escuta e o redirecionamento pedagógico.

No primeiro encontro, sugerimos iniciar com uma conversa dialógica, provocando nos estudantes uma reflexão crítica sobre o que sabem sobre a África e, sobretudo, sobre quem lhes contou essas histórias. Essa problematização inicial é crucial para abrir espaço para a polifonia de vozes históricas que, ao longo do tempo, foram silenciadas. Propomos, então, o vídeo “O perigo de uma história única”⁵, de Chimamanda Adichie, como ponto de partida para que os alunos questionem as narrativas únicas que se perpetuam nos discursos coloniais.

A introdução do conceito de polifonia é de Bakhtin, que se dedicou à análise das obras de Dostoiévski. Essa temática nos conduz a um aspecto fundamental do pensamento bakhtiniano: a interação entre autor e herói. De acordo com Faraco (2006, p. 46), a “teorização sobre a relação estética entre o autor e o herói se torna mais sofisticada quando Bakhtin investiga a narrativa de Dostoiévski”, pois essa exploração permite a percepção de uma nova configuração artística, em que as vozes do autor e do herói se estabelecem em um mesmo nível.

Para Bakhtin, o conceito de “voz” diz respeito à consciência que se expressa nos enunciados. Essa consciência não é imparcial; ela sempre carrega consigo percepções de mundo, avaliações e valores. Polifonia está sendo usada neste artigo no sentido de diversas vozes sociais que se entrecruzam, refletindo a multiplicidade de perspectivas e experiências que habitam um determinado contexto. Essas vozes não apenas coexistem, mas interagem, criando um espaço dinâmico em que os significados são constantemente negociados e reconstruídos. Assim, a polifonia torna-se uma ferramenta essencial para compreender as nuances e complexidades das relações sociais, permitindo que diferentes subjetividades se manifestem e dialoguem em um mesmo espaço discursivo.

5 O perigo de uma história única, de Chimamanda Adichie, disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=D9lhs241zeg>>.

Em seguida, no mesmo encontro, propomos a leitura do poema “Namoro”⁶, de Viriato da Cruz, com ele será uma oportunidade de trazer à tona a cosmovisão africana, em que elementos da natureza, do sagrado e da celebração convivem em um espaço simbólico que convida ao diálogo entre as tradições africanas e as novas possibilidades de leitura que os estudantes podem construir. Essa leitura não será isolada, mas colocada em diálogo com a trajetória histórica da literatura africana, abrindo espaço para que os estudantes reflitam sobre a transformação identitária dos africanos ao longo dos séculos. Indicamos também dois vídeos⁷, um com uma leitura dramática do poema escolhido e outro com o poema musicado para mostrar a dimensão artística aos estudantes.

Para a teoria enunciativo-discursiva, diálogo, dialogismo é:

[...] O diálogo, no sentido estrito do termo, não constitui, é claro, senão uma das formas, é verdade que das mais importantes, da interação verbal. Mas pode-se compreender a palavra “diálogo” num sentido amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2014, p. 127).

De acordo com Bakhtin, o conceito de diálogo se distingue do que ele considera diálogo monológico, que se caracteriza por uma única voz ou enunciados provenientes de um único sujeito. O dialogismo, por sua vez, representa um discurso que surge a partir de relações dialógicas, que não se limitam a aspectos linguísticos ou intertextuais, mas envolvem interações mais amplas, engajando enunciados de diversos sujeitos ao longo do tempo.

[...] Dois enunciados, separados um do outro no espaço e no tempo e que nada sabem um do outro, revelam-se em relação dialógica mediante uma confrontação do sentido, desde que haja alguma convergência do sentido (ainda que seja algo insignificante em comum no tema, no ponto de vista, etc.) (BAKHTIN, 2011, p. 354).

No segundo encontro, a proposta se expande para a literatura e as vivências das mulheres negras, utilizando o vídeo de Nátaly Neri “A mulata que nunca

6 Poema completo disponível em <<https://www.lusofoniapoetica.com/angola/viriato-da-cruz/namoro>>.

7 <https://www.youtube.com/watch?v=to_rlCk8Wmk>. <<https://www.youtube.com/watch?v=IChWwIHG1vM>>.

chegou” como mais um momento de abertura dialógica para discutir questões de gênero, raça e juventude. Aqui, a polifonia se faz presente ao introduzir outra nacionalidade com o poema “Quero ser tambor”⁸, de José Craveirinha, ressaltando como os versos expressam uma busca identitária que se entrelaça à terra, à política e à cultura moçambicana. A musicalidade e o coletivo são dimensões que o poema propõe como possibilidades dialógicas para os leitores. Também oferecemos dois vídeos⁹ um com a narração do poema e uma montagem de bricolagem de sons e imagens e outro com a narração do texto junto com uma espécie de videoclipe.

Assim, o terceiro encontro direciona a atenção para a literatura negro-brasileira, dando voz às experiências e lutas da população negra no Brasil, então, propomos a leitura e análise de três poemas. O primeiro poema é de José Carlos Limeira, intitulado “Para Domingos Jorge Velho”, e com ele sugerimos, junto aos estudantes, uma reflexão acerca da experiência histórica e atual da população negra no Brasil, destacando temas como resistência, identidade e a luta por justiça e dignidade

O segundo poema intitulado “Ferro” foi escrito por Cuti, Pseudônimo de Luiz Silva, doutor em Literatura Comparada pela Unicamp. A partir do poema discutir: a luta contra a opressão; a busca da identidade negra e luta contra padrões eurocêntricos; a busca pela liberdade, rompendo com o sofrimento por meio da transformação social.

O terceiro poema é o “Rondó da Ronda Noturna”, escrito por Ricardo Aleixo. Com ele, sugerimos que o professor explore questões relacionadas ao sinal da cruz e de mais; ao fato de as palavras estarem violentadas, desmembradas; o fundo preto; a questão da invisibilidade do negro. Os três poemas ampliarão a discussão para temas como opressão, eurocentrismo e invisibilidade, preparando o terreno para o quarto encontro sobre Afrofuturismo. Para introduzir a temática subsequente sugerimos que o professor apresente o vídeo¹⁰ do TED intitulado “A Necessidade de Novas Utopias” da Nátaly Neri.

8 Poema completo disponível em: <<http://www.jornaldepoesia.jor.br/cravei04.html>>.

9 Os dois vídeos completos disponíveis em <<https://www.youtube.com/watch?v=h3C-Cu4WHUs>> e <<https://www.youtube.com/watch?v=KHi3EAZg-OQ>>.

10 Vídeo completo disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=_D1y9yZRpis>.

No quarto encontro, propomos que o professor realize a “Dinâmica dos Palitos Coloridos”¹¹. Essa atividade permite que cada grupo, constituído em um ambiente de interlocução e cooperação, responda a questões que abrem múltiplos sentidos e estimulam o diálogo entre diversas vozes históricas, culturais e políticas. As perguntas propostas podem girar em torno de: “Qual a diferença entre valores eurocêntricos e valores afrocêntricos?”, “O que é ancestralidade africana?”, “O que é o movimento afrofuturista?” e “O que é literatura afro-futurista?” - são momentos de abertura, em que as diversas compreensões e experiências dos estudantes se entrelaçam no processo de construção coletiva de sentido. O diálogo aqui assume a forma de uma polifonia, em que o professor não é o detentor da verdade, mas o mediador de uma relação em que diferentes valores e histórias emergem e se chocam, constituindo novos entendimentos.

Para exemplificar e ampliar a experiência discursiva, sugerimos exibir o trailer¹² oficial do filme Pantera Negra. Essa obra cinematográfica possibilita não só o contato com uma narrativa afrofuturista, mas também o aprofundamento em questões que dialogam diretamente com a identidade negra, a desconstrução de estereótipos, a interculturalidade e o combate à colonialidade. O filme, em sua materialidade e suas imagens, ressoa como uma voz no espaço polifônico da sala de aula, abrindo novas possibilidades de reflexão e questionamento sobre os modos de representação e resistência da cultura negra no cinema contemporâneo.

Ainda no mesmo encontro, propomos o professor faça a indicação de leitura completa do livro de contos Sankofia: Breves Histórias sobre Afrofuturismo, de Lu Ain-Zaila. Esse texto oferece uma rica diversidade de vozes e narrativas que possibilitam o desenvolvimento de discussões dialógicas entre os estudantes, mediadas pela resenha crítica disponível no presente no vídeo¹³ do canal Lendo Mulheres Negras. O encontro entre essas vozes – a do livro, a da resenha e a dos estudantes – cria um ambiente onde o entendimento sobre o Afrofuturismo se constrói a partir de múltiplos pontos de vista, desconstruindo visões unívocas.

No quinto e último encontro, sugerimos a leitura coletiva e em voz alta do conto “Era Afrofuturista”, também de Lu Ain-Zaila. O ato de ler em voz alta, em

11 Dinâmica dos Palitos Coloridos: por meio de palitos coloridos com marcações diversas, a cada nova pergunta os grupos são reorganizados a partir das cores ou marcações nos palitos. Isso evita que os estudantes criem as chamadas “panelinhas” e se permitam se misturar mais entre eles.

12 Trailer oficial completo disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=wL4a4MafSjQ&t=50s>>.

13 Vídeo da resenha completa disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=rGrbRmUj8w0>>.

comunidade, não é apenas um exercício de interpretação, mas um momento dialógico em que as vozes dos personagens, dos autores e dos leitores se fundem em um único ato de enunciação. A partir dessa leitura, propomos que os estudantes discutam questões centrais ao Afrofuturismo, como a reimaginação da História e do Futuro Africano, o protagonismo Negro e a Cultura Africana, além das problemáticas de identidade, resistência e a estética que marca o movimento. O diálogo aqui se torna uma ferramenta essencial para que essas questões sejam compreendidas em sua dimensão social, histórica e cultural, criando novas possibilidades de significação para os estudantes.

As orientações teórico-metodológicas apresentadas nesta pesquisa não apenas possibilitam uma prática pedagógica que se alinha à diversidade e complexidade da literatura africana, afrofuturista e negro-brasileira, mas também favorecem a construção de um espaço de diálogo e reflexão crítica entre os estudantes. Ao longo dos cinco encontros, a proposta de trabalhar com uma literatura que dialoga com a identidade, a ancestralidade e a resistência negra promovem um ambiente de aprendizado inclusivo e transformador.

Os encaminhamentos foram estruturados para valorizar a voz dos estudantes e permitir que suas experiências pessoais e culturais contribuam para a construção coletiva do conhecimento. O diálogo, entendido como uma relação dinâmica e polifônica, é a base desse processo educativo, em que cada encontro oferece uma oportunidade para que os estudantes se apropriem de narrativas que muitas vezes foram silenciadas ou distorcidas.

Assim, esta pesquisa reafirma a importância de um ensino de literatura que não apenas ensina a ler e interpretar, mas também que provoca uma reflexão crítica sobre o mundo, a cultura e a identidade, formando leitores mais conscientes, sensíveis e engajados em sua realidade social. O caminho aqui traçado é um convite à continuidade das discussões e práticas que emergem da intersecção entre literatura, educação e identidade, reafirmando a relevância de se romper com paradigmas eurocêntricos e construir uma educação que valorize a pluralidade de vozes e histórias que compõem nosso patrimônio cultural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta pedagógica apresentada neste artigo busca responder à questão central de como formar leitores brasileiros de Literatura Africana a partir de uma perspectiva dialógica da linguagem, conforme discutido ao longo do texto.

Ao utilizar as contribuições teóricas do Círculo de Bakhtin e outros autores que fundamentam a prática pedagógica em uma abordagem crítica e inclusiva, foi possível delinear estratégias que promovem a leitura crítica e o desenvolvimento da consciência antirracista entre os estudantes do Ensino Médio.

O eixo principal dessa proposta é o trabalho com a literatura africana e sua ancestralidade como formas de desconstrução de estereótipos e de combate à colonialidade no campo da educação. As aulas dialogadas e as reflexões a partir da materialidade da língua emergem como ferramentas essenciais para promover o diálogo intercultural e desafiar a visão eurocêntrica que historicamente permeia o ensino de literatura no Brasil. Além disso, a articulação entre a leitura de textos literários e o trabalho com poemas e contos possibilita a ampliação das vozes e dos pontos de vista dos alunos, fomentando a pluralidade e o respeito pelas diferenças.

Essa proposta, em consonância com as diretrizes das Leis 10.639/03 e 11.645/08, reafirma a necessidade urgente de uma educação comprometida com a inclusão e a justiça social. Ao final, esperamos que os encaminhamentos didático-pedagógicos não só estimulem o interesse dos estudantes pela Literatura Africana, mas também contribuam para a formação de cidadãos críticos, menos eurocentrados, e capazes de agir de forma consciente e significativa na sociedade. Assim, as práticas dialógicas nas aulas de Língua Portuguesa/Literatura se configuram como potentes espaços de reflexão, resistência e transformação social, essenciais para a construção de uma sociedade mais igualitária e diversa.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M./VOLOCHINOV. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

BAKHTIN, M. **Questões de estilística no ensino da língua**. Tradução do Russo por Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2013 [1942/1945]

BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. Tradução do russo por Paulo Bezerra. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011 [1952/53].

BAKHTIN, M. Crítica da arte e da estética geral. In: BAKHTIN, M. **Questões de literatura e de estética**: A teoria do romance. Trad. Aurora Fornoni Bernardini et al. 6. ed. São Paulo: HUCITEC, 2010, p.14-28

CAVALCANTI, M. C. Educação linguística na formação de professores de línguas intercompreensão e práticas translíngues. In: LOPES, L. P. D. M. **Linguística Aplicada na Modernidade Recente**: Festschrift para Antonietta Celani. São Paulo: [s.n.], 2013. CELANI, M. A. A. Questões de ética na pesquisa em Linguística Aplicada. *Linguagem & Ensino*, v. 1, p. 101-122, 2005. ISSN 8.

FARACO, Carlos Alberto. Autor e autoria. In: Brait, B. (Org.) **Bakhtin conceitos-chave**. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2006.

GERALDI, J.W. **A aula como acontecimento**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2015.

GERALDI, J.W. **Portos de passagem**. São Paulo; Martins Fontes, 4a edição, 2013 [1991].

GERALDI, J.W. **O texto na sala de aula**. 3.ed. Cascavel: ASSOESTE, 1984.

GERALDI, J.W. **Linguagem e ensino**: exercícios de militância e divulgação. 2. ed. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2009 [1996].

HOOKS, B. **Ensinando a Transgredir**: a educação como prática da liberdade Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

MOITA LOPES, L.P. Uma Linguística aplicada mestiça e ideológica: interrogando o campo do linguista aplicado. In: MOITA LOPES, Luis Paulo. (Org.) **Por uma Linguística Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo: Editora 34, 2017.

VOLOCHÍNOV, V. N. **A construção da enunciação e outros ensaios**. Organização, tradução e notas de João W. Geraldi. São Carlos/SP: Pedro & João Editores, 2013 [1930].